



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

**VILMARA VIRGULINO DE SOUZA RODRIGUES**

**NEGRINHA, PIXAIM, A CEGA E A NEGRA: LITERATURA E QUESTÕES  
ÉTNICO-RACIAIS PARA A SALA DE AULA.**

**MONTEIRO, 2018**

**VILMARA VIRGULINO DE SOUZA RODRIGUES**

**NEGRINHA, PIXAIM, A CEGA E A NEGRA: LITERATURA E QUESTÕES  
ÉTNICO-RACIAIS PARA A SALA DE AULA.**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba- VI, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em língua portuguesa. Área de concentração: Literatura e ensino.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva.

**MONTEIRO, 2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696n Rodrigues, Vilmara Virgulino de Souza .  
Negrinha, Pixaim, A Cega e a Negra [manuscrito] :  
literatura e questões étnico-raciais para a sala de aula /  
Vilmara Virgulino de Souza Rodrigues. - 2018.  
50 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Humanas e Exatas , 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,  
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Preconceito racial. 2. Ensino de literatura. 3. Literatura  
afrodescendente brasileira. 4. Sala de aula.

21. ed. CDD 303.385

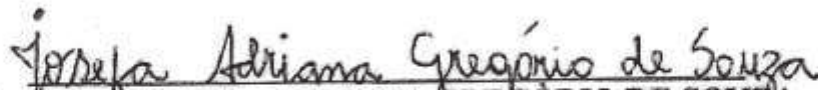
**NEGRINHA, PIXAIM, A CEGA E A NEGRA: LITERATURA E QUESTÕES  
ÉTNICO-RACIAIS PARA A SALA DE AULA.**

Trabalho de Conclusão de Curso da  
Universidade Estadual da Paraíba- VI,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciada em língua  
portuguesa. Área de concentração:  
Literatura e Ensino.  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros  
da Silva.

Aprovada em: 14/06/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. DR. MARCELO MEDEIROS DA SILVA (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Esp. JOSEFA ADRIANA GREGÓRIO DE SOUZA  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Bruno Alves Pereira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho as pessoas importantes da minha vida, aos meus filhos Ester e Elias, aos meus pais Dacilio e Sebastiana e ao meu esposo Miguel, pelo incentivo, pela compreensão e pelo constante apoio recebido.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, que me deu força, sabedoria e me guiou sempre no caminho da luz.

Aos meus filhos **Ester e Elias**, por iluminar minha vida e me encher de alegria.

Aos meus pais **Dacilio e Sebastiana**, pelos valores que me ensinaram.

Ao meu esposo **Miguel**, pelo apoio constante e por estar sempre ao meu lado, me motivando a seguir em frente.

Ao professor **Fagner**, que contribuiu ao longo de seis meses, por meio da disciplina de literatura para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu professor Orientador **Marcelo Medeiros**, pelo apoio, compreensão e orientação neste trabalho.

“(...) ensinar não é “transferir conhecimento”,  
mas criar as possibilidades para a sua  
produção ou a sua construção”.

Paulo Freire.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 O ENSINO DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR .....</b>	<b>12</b>
<b>3 DISCUTINDO E REFLETINDO SOBRE O PRECONCEITO RACIAL: UMA PROPOSTA A PARTIR DA LITERATURA.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Pixaim: recolha o seu preconceito .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Negrinha: qual cor de um sonho ?.....</b>	<b>24</b>
<b>3.3 A Cega e a Negra: enxergando os preconceitos.....</b>	<b>30</b>
<b>4CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>5 REFÊNCIA .....</b>	<b>35</b>
<b>6 ABSTRACT .....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO-A.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO- C.....</b>	<b>48</b>



## NEGRINHA, PIXAIM, A CEGA E A NEGRA: LITERATURA E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA A SALA DE AULA.

\*Vilmara virgulino de Souza Rodrigues

### RESUMO

O presente trabalho é uma sistematização, sob forma de proposta didática, de um conjunto de atividades que realizamos como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência<sup>†</sup> (PIBID). Tal proposta está centrada em uma sugestão didático-metodológica para a abordagem da temática do preconceito racial a partir do trabalho com os seguintes contos: Pixaim, de Cristiane Sobral, Negrinha, de Monteiro Lobato, e A Cega e a Negra, de Miriam Alves, quais constituem o escopo de toda a proposta e que estarão, todavia, sendo postos em diálogo com outros textos, como vídeo, música e dinâmica que também possuem a mesma temática. Para subsidiar a nossa proposta, apoiamos-nos nas orientações de Antunes (2003), pontua que o professor não pode ausentar-se desse momento nem, tampouco, estar nele de modo superficial. O ensino da língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e social. Candido (1995; 2002), Geraldi (1984) defende que a prática de análise linguística não deve se deter a uma mera “limpeza” do texto do aluno, pelo contrário: ela deve aliar o trabalho com questões da gramática a outros aspectos inerentes ao texto, como a coesão, a coerência, a sua adequação aos objetivos almejados, a progressão temática, dentre outros, além do que está disposto nos documentos parametrizadores do ensino em nosso país e no estado da Paraíba. Nosso objetivo com a proposta a ser apresentada nesse trabalho é que, a partir da leitura efetiva do texto literário que aborda a temática do preconceito racial, não só possamos reiterar a importância da discussão das questões étnico-raciais em sala de aula, mas, sobretudo, contribuir para a formação de alunos abertos à diversidade cultural e respeitosos com as diferenças entre pessoas. Com isso, esperamos que nosso trabalho possa auxiliar

---

\*Graduação em letras português pela universidade Estadual da Paraíba (UEPB)-Campus VI  
vilmaravsr@hotmail.com

<sup>†</sup> (PIBID) é um programa de institucional de bolsa de iniciação à docência, proporciona ao graduando, que aproxima o professor da sala de aula e, é também nesse momento, que os alunos-professores começam a refletir a respeito das correntes teóricas que apontam na maioria das vezes para uma educação bem sucedida, mas, sabemos que a realidade do sistema educacional de ensino é diferente. Assim, Segundo Passoni (2012) O programa tem por finalidade valorizar o profissional do magistério e apoiar a formação dos estudantes dos cursos de licenciatura plena das instituições públicas de ensino superior. Assim, o PIBID auxilia muito na formação docente, preparando o licenciando para qualquer em previsto durante suas regências no futuro campo de atuação.

Segundo (CAPES 2014). Algumas das principais metas do PIBID são: Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação; inserir os licenciados no cotidiano de escolas de rede públicas de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; incentivar escolas públicas de educação básicas, mobilizando seus professores como formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessária à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

outros professores que queiram discutir as questões étnico-raciais em sala de aula e fomentar o debate sobre o preconceito racial dentro e fora da escola.

**Palavras-chave:** Ensino de Literatura. Questões Étnico-raciais. Preconceito Racial.

## 1 INTRODUÇÃO

Presente na escola desde a educação infantil até o ensino médio, o texto literário tem sido vítima de usos e abusos, de um ensino que geralmente é aplicado em sala de aula de forma superficial, e por isso não está conseguindo cumprir o seu papel de despertar nos alunos o real interesse pela leitura literária, o que amiúde têm provocado o distanciamento dos alunos e, conseqüentemente, não tem contribuído em sua plenitude para a formação de leitores. Com isso, a literatura deixa de prestar uma relevante contribuição para a formação desses alunos, visto que ela, segundo Candido (2004, p. 180), “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, e a sociedade”.

Diante disso:

A escola deve estar voltada para o desempenho de três grandes funções: a cultural, a política e o social. Tais funções precisam estar claramente delineadas para que a definição do projeto pedagógico da escola, de suas prioridades, de sua forma de encaminhar e resolver problemas do equilíbrio de suas relações de poder sejam fruto da elaboração coletiva e da busca constante de autonomia (SEE, 1992 apud CATANANTE, 1999, p.43).

A escola ganha quando trabalha com elementos literários voltados a desenvolver no aluno o senso crítico a partir de noções de cidadania. Por isso, faz-se necessário que os docentes atuem como mediadores de leitura e deixem de utilizar o texto literário como pretexto para o ensino de taxionomia gramatical ou de aspectos sobre o cenário literário (informações biográficas, características deste ou daquele estilo de época, identificação de figuras de linguagem), entre outras.

Para tanto, a hipótese é amplamente necessária a ressignificação das práticas de leituras que, no interior da escola, se valem do texto literário e por meio das quais acreditamos ser possível tornar o aluno um cidadão que possa aprender a ver o mundo com um olhar crítico, e que seja capaz de dialogar e debater sobre determinado assunto, seja dentro ou fora da sala de aula, porque a literatura “nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (JOBIM, 2009) Essa deveria ser, pois, a razão por que a literatura faz parte do currículo escolar seja como disciplina, seja como objeto de estudo a partir dos diversos gêneros literários que circulam na escola (teatro, poesia, conto, novela, romance etc.).

Como o texto literário é um repositório de experiências humanas que deve estar presente na escola, para que o processo de humanização dos alunos via educação literária possa lograr êxito, é preciso que o docente, mediante textos literários diversos, traga para a sala de aula a discussão sobre temas variados muitos dos quais podem até ser da ordem do dia.

Dentre esses temas, acreditamos que o docente não pode se furtar de discutir as questões étnico-raciais em sala de aula, visto que a reflexão sobre elas é imprescindível para a formação do cidadão de nossos alunos, já que vivemos em um país extremamente racista e preconceituoso, embora esse aspecto seja, cotidianamente, negado. Sabemos que, durante muitos anos, ao longo da história, alguns grupos sociais, como os negros, as mulheres entre outros, lut(ar)am contra o preconceito racial e a discriminação de raça e de gênero.

Por isso, tais formas de discriminação precisam ser problematizadas no interior do ambiente escolar. Entretanto, o que percebemos é uma escola que, em muitos casos, se furta a discutir tais questões seja porque são indigestas, seja porque os materiais didáticos não dão o suporte necessário aos professores para que esses possam trazê-las para a discussão com os alunos.

Diante disso, Bezerra (2015), pontua que; com a aprovação da Lei nº 10.639/2003 fez com que os educadores tivessem um novo olhar para as Literaturas africanas e afro-brasileiras, pois a mesma tornou-se obrigatória como conteúdo curricular, devendo, portanto, fazer parte da discussão e da reflexão nas escolas, vale lembrar que essa foi alterada em<sup>‡</sup>2008. A referida lei também veio direcionar e fortalecer as ações afirmativas no sentido de

---

‡ Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ o presidente da república faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR) Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

da República.

LUIZ

INÁCIO

LULA

DA

SILVA

Fernando Haddad, Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 11/03/2008 Publicação: Diário Oficial da União - Seção 1 - 11/3/2008, Página 1 (Publicação Original)

institucionalizar a inserção positiva dos afro-brasileiros na história do país e incluí-los na sociedade com justiça e valorização.

A autora também comenta que, depois de onze anos de vigência da Lei nº 10.639/2003, é fácil encontrar o poder público buscando produzir materiais didáticos como livros didáticos, paradidáticos, entre outros, que possam ajudar os estudantes a se aproximarem dessa temática dentro da sala de aula. Um bom exemplo é Cadernos Negros, de autoria do grupo Quilombo hoje, pois, desde 1978, já foram publicados muitos volumes com “poesia e a prosa publicada nessa série que fazem a diferença e produzem o que pode ser observado nas relações de classe e de cor, típicas da sociedade brasileira” BEZERRA, (2015.) Apesar da lei e da produção de materiais didáticos, percebe-se que boa parte dos livros didáticos quase não traz textos que abordem a questão da etnia racial nem a literatura afro-brasileira.

Assim, acreditamos que a escola é o espaço mais apropriado para trabalhar a temática das questões étnico-raciais, pois, conforme Coelho (2000) é no ambiente escolar que deve ser construída a base para a formação do indivíduo. Nesse sentido, percebemos que em cada sala de aula há uma diversidade cultural, pois, cada aluno tem sua história, além de muitos deles serem descendentes de variados grupos étnicos raciais; e isso colabora e oportuniza o discurso a respeito da diversidade, objetiva que todos se empenhem em reconhecer o respeito mútuo e junto possam praticar a cidadania e viver em sociedade.

Froehlich (2012) acrescenta que a escola é um ambiente de mudança e de transformação da negritude brasileira. Mas, é preciso que tanto escola como a família se preparem para o combate à discriminação, visto que, geralmente, o trabalho só pode ser de qualidade quando a escola e a comunidade se unem e lutam pelos mesmos objetivos. Nesse caso, os assuntos relacionados a essa temática devem ser capazes de gerar reflexão e despertar o desenvolvimento social do indivíduo, além de promover possíveis mudanças sociais.

Sendo assim, não é novidade que o papel do professor nesse processo é importante, pois é ele quem irá desenvolver a tarefa de apresentar os assuntos, fazendo com que o aluno tenha facilidade para entender e compreender tal conteúdo e consigam interagir em sala de aula de forma positiva em seu processo de ensino e a aprendizagem. Assim, Froehlich (2012) pontua que:

---

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. [...] O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro,

valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural (1997c, p.32).

Assim, é notável perceber que o reconhecimento da cultura afro-brasileira, como também a cultura indígena foi um avanço para esses povos, que lutam há anos contra a discriminação, ou seja, contra o preconceito racial, por isso, como forma de melhorar, tal situação foi criada a Lei nº 11.645/08, a literatura como uma disciplina importante que deve ser implantada no currículo escolar. Diante disso Coelho pontua (2000) que a literatura é capaz de influenciar os indivíduos na sociedade e que a escola deve privilegiar os estudos literários, pois, por meio deles, é que se estimula a mente a ter a percepção do real em suas múltiplas significações. Em suma, vale salientarmos a importância da cultura e da literatura afro-brasileira nas esferas escolares, pois, esse é o melhor lugar para estimular o senso crítico dos alunos.

Outrassim é relevante se preocupar desde cedo com formação das crianças, jovens e adolescentes, para que assim, eles possam descobrir a importância dos valores éticos e morais, já que na escola vão conviver com as diferenças étnico-racial, tornando necessário que todos os discentes tenham respeito com todos que dela fazem parte. Além, do mais o contato dos alunos com textos literários desde cedo vai da base para que, eles conheçam o protagonismo de tais, além de oportunizar os estudantes a mergulhar num vasto universo de culturas.

Por isso, torna-se necessário trabalhar com textos literários nas esferas escolares que abordem a temática em questão, como também é primordial que os educadores tenham um olhar mais crítico quando o assunto for à questão étnico-raciais, na cultura, na religião e nas demais diversidades existentes. Por isso o objetivo geral deste trabalho é sugerir que, a partir de textos literários, é possível fomentar a discussão e a reflexão sobre preconceito racial, a fim de despertar nos alunos o respeito à diversidade, ao diferente.

Para tanto, apresentamos uma proposta de atividades voltadas para a leitura de textos literários e não literários que podem fomentar a discussão acerca das questões étnico-raciais, em especial as formas de preconceito racial. Conseqüentemente, nosso trabalho tem como objetivos específicos contribuir para o estudo do preconceito racial em nossa sociedade de maneira que os alunos possam refletir sobre como tal forma de discriminação está presente em nosso dia a dia ao mesmo tempo em que ensinamos criar formas de combater, a partir do exercício em sala de aula, a discriminação racial e fomentar o respeito à diversidade étnico-cultural. Por fim, visto que nossa proposta de leitura centra-se em textos literários,

objetivamos também, a partir dos procedimentos metodológicos apresentados, criar condições para a oferta de um ensino de literatura que possa contribuir para a formação humana do aluno, nos termos apresentados por Candido (2002).

## **2 O ENSINO DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Lamentavelmente, muitas escolas têm servido de palco para práticas de manifestações racistas e preconceituosas contra grupos minoritários socialmente. Nessas ocasiões, geralmente os vencedores são aqueles que se mostram mais violentos e agressivos, ou fazem uso de palavrões contra a vítima, deixando-a com medo, vergonha, dor emocional, constrangimento etc. Para evitar situações de preconceito em sala de aula, é importante que:

[...] o educador esteja atento a qualquer forma de tratamento discriminatório, como gestos, tom de voz e outras atitudes que possam degradar a pessoa do educando. Porque em qualquer tipo de discriminação, seja qual for o formato do preconceito racial, o aluno que sofre esse abuso pode chegar até à “reprovação, dependendo do dano psicológico e emocional causado à criança” (CAVALLEIRO, 2003, p. 81-89).

É oportuno ressaltar que a literatura, em virtude de ser um artefato cultural que reúne em si um conjunto de experiências humanas diversas, tem uma natureza política, cultural e social e deve ser utilizada em sala de aula com instrumento de humanização, isto é, um elemento imprescindível na confirmação de alguns traços que consideramos como essenciais porque confirma em nós a nossa natureza humana e dentre os quais estão:

[...] o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 249).

A perspectiva que adotamos aqui é a de advoga que a escola tem um papel relevante na formação dos alunos e nesse processo, a literatura pode contribuir de sobremaneira para a instituição escolar possa cumprir o seu papel na formação de cidadãos conscientes da posição que ocupam na sociedade, especialmente com respeito à diversidade, essa que é marca da sociedade brasileira, formada pela mistura de raças e culturas, nos torna um país rico e diversificado culturalmente.

Sendo a escola um espaço formativo por excelência, ela pode ser um centro de ações de combate ao preconceito em todas as suas formas de manifestação. Em outras palavras, como aponta Facco (2009), o universo escolar é o lugar do diverso não só quando o assunto é

a expressão dos pensamentos, mas, sobretudo, pela presença de sujeitos que circulam em seu interior. É na escola onde acontece a troca do conhecimento através das conversas, dos costumes e culturas diferentes. Ademais, é no espaço escolar que acontece as diferenças e, infelizmente, enraízam-se preconceitos e intolerância, sendo que ambos aparecem visivelmente nas brincadeiras, nas piadas contra os afro-brasileiros, o negro, os homossexuais, nas rotulações discriminatórias, entre outros. Enfim, a escola também é um espaço de fomento a discriminações contra os mais diversos grupos minoritários socialmente, razão por que ações de combate ao preconceito e à intolerância devem perpassar todas as ações no interior da escola.

Entretanto, os currículos escolares brasileiros, que foram planejados para ser praticado a partir de uma visão eurocêntrica, na maioria das vezes, ignoram o pluralismo étnico-cultural dos discentes. No caso dos afro-brasileiros, esse currículo contribui para a criação de imagens e estereótipos. A situação agrava-se mais ainda se pensarmos que grande parte dos professores tem uma formação diversa à reflexão sobre a importância da contribuição afro-brasileira para a formação de nosso país. Com relação a essa questão, Oliveira pontua que:

[...] os educadores e responsáveis pela formação de milhares de jovens na sua grande maioria são vítimas dessa educação preconceituosa, na qual foram formados e socializados. Esses educadores não receberam uma formação adequada para lidar com as questões da diversidade e com os preconceitos na sala de aula e no espaço escolar. (OLIVEIRA, 2007, p. 4)

Mas não são apenas esses fatores que envolvem as questões socioculturais, políticas e econômicas, também existe outro contexto que é o da discriminação no ambiente escolar, na qual surgem conversas contraditórias do preconceito e da desigualdade social. Para Oliveira (2001, p. 1), a teoria do multiculturalismo deve ser fomentada nas escolas, pois esse pressuposto teórico reconhece o direito de ser diferente dos grupos minoritários, como homossexuais, negros, entre outros.

Outro ponto importante, e que requer cuidado nas escolas é que, geralmente, são apresentadas para os alunos culturas e literaturas eurocênicas. Ambas são apresentadas constantemente nos livros didáticos com textos que glorificam os costumes e as culturas eurocênicas, a exemplo, dos contos infantis que dificilmente trazem um protagonista afro-brasileira.

Diante disso Alexandra Oliveira e Nogueira Silva, 2014, p.4 alertam que:

A literatura infantil traz para as crianças modelos de valores, comportamentos que tendem a ser imitados, assim a escola provoca a reprodução de uma homogeneidade através de sua tradição e ensino que trazem a marca do eurocentrismo, fato que traz como consequências a supervalorização curricular ao que é europeu ou euro

descendente e uma notável negligência às histórias, culturas e contribuições dos povos não brancos, ou seja, negros brasileiros, povos nativos da América, africanos etc.

Entendemos que a escola acredita em ideias controversas, quando se trata do pluralismo étnico-cultural e racial dos discentes, sendo que o problema se torna mais sério, quando parte dos educadores não tem o conhecimento adequado para trabalhar com a temática da diversidade. Pois uma formação docente precária inviabiliza, de certo modo, as mudanças para que tenhamos um ensino voltado pelo respeito à diversidade cultural a partir do ambiente escolar.

E o problema se agrava porque os professores são responsáveis pela educação das crianças, dos jovens e adultos não estão, em sua maioria, preparados para discutir sobre a referida temática dentro da sala de aula. Muitas vezes, o docente no lugar de combatê-lo acaba endossando-o seja porque reproduz, seja porque ignora que o preconceito existe em nossa sociedade.

Para Barros (2012), essa falta de reconhecimento efetivo da escola com relação à diversidade cultural, como parte integrante do cotidiano escolar, é uma consequência expressiva da ideologia ou mito da democracia racial, disseminado e fortalecido durante todo o período do século XX, o qual desde princípio fazia com que “o Estado entendia que não havia racismo, e não era necessário desenvolver políticas contra algo inexistente” (TELLA, 2012 p. 45), ou de que, no Brasil, não havia discriminações ou desigualdades étnico-raciais.

Por isso, tais questões sociais precisam ser trabalhadas em conjunto com escola e a família, ambas pensando de forma positiva para, assim, tentar amenizar um conceito mal interpretado e combater os rótulos de racismo para poder enfraquecer uma cultura de violência. Diante da questão exposta, é necessário trabalhar com a História, a Cultura e a Literatura afro-brasileira de maneira que seja possível humanizar os alunos, mas para essa humanização é preciso que a literatura afro-brasileira esteja totalmente implantada no currículo escolar, alçando todo o sistema educacional de ensino.

Além disso, é preciso também a realização de um trabalho contínuo que promova e incentive um efetivo contato com a pluralidade cultural afro-brasileira (BRASIL, 1997, p. 39), iniciando novas leituras da história, religião, cultura e literatura dos povos africanos e afrodescendentes.

Como sabemos a literatura no ambiente escolar beneficia as crianças, jovens e adolescentes, sendo que, em seus desenvolvimentos intelectuais, poderão ser preparados para entender e conhecer os valores estéticos de sua função social, principalmente no momento de



trabalhar em sala de aula a questão do respeito à diversidade cultural, oportunizando os alunos a lutar contra qualquer tipo de preconceito.

Contudo, é de suma importância que as práticas educativas sejam inseridas e desenvolvidas na escola logo na educação infantil. Quanto mais cedo o aluno tiver contato com textos literários afro-brasileiros, mais cedo eles vão poder entender e respeitar as diferenças étnico-culturais que existem na sociedade como um todo.

Para Oliveira (2008, p. 1-2) a literatura afro-brasileira vem aos poucos mudando o cenário literário trazendo à tona o protagonismo dos sujeitos afro-brasileiros. Como afirma o estudioso Eduardo de Assis Duarte, a literatura afro-brasileira:

é um conceito em construção e, mesmo sendo uma vertente literária específica, seu corpus está em permanente diálogo com a literatura brasileira, uma vez que esta não é formada por um bloco fechado, homogêneo, linear. Ela constitui um mosaico, um imenso rio donde se emergem vertentes. E uma dessas vertentes ‘recentemente’ pesquisada é a da literatura afro-brasileira. ((DUARTE, 2008, p. 12).

Portanto, a literatura afro-brasileira é organizada em arte, cultura, história e identidade, e outros que respectivamente estão voltadas para questões relacionadas a temas, à linguagem e ao leitor. Bezerra (2013) pontua que tal literatura está fundamentada em questões ideológicas, culturais e estéticas. A literatura afro-brasileira tem conseguido destaque no cenário literário e tornou-se objeto de estudos e pesquisas, pois a “arte literária é formada de uma fonte riquíssima de saber e conhecimento que abrange tanto a história e cultura afro-brasileira como também africana” (COSTA; BEZERRA, 2013).

Assim, percebe-se que a literatura afro-brasileira implantada no sistema educacional de ensino como uma disciplina tem a possibilidade do surgimento de novos discursos a respeito das questões socioculturais, artísticas, religiosas, entre outras, que possam envolver a formação do povo brasileiro e suas raízes culturais e idenitárias.

Ainda, segundo Bezerra (2015), a aprovação e a implementação da Lei nº 10.639/2003 possibilitaram um novo olhar por parte dos educadores para as Literaturas africanas e afro-brasileiras, pois se tornaram obrigatórias a reflexão e discussão nas escolas e nas salas de aulas sobre a participação dos negros na formação histórica e cultural da nação brasileira. Portanto, a literatura sendo vista por muitos teóricos como positiva para o desenvolvimento do ser humano, percebe-se que a mesma tem encontrado algumas limitações no momento de ser aplicado no contexto escolar, já que o livro didático quase não aborda a literatura afro-brasileira e quando esse aparece é muito superficial.

Para Oliveira (2010), o cânone da literatura infanto-juvenil mostra de forma clara as marcas visíveis de estereótipos de personagens negros, a exemplo das personagens do *O sítio*

*do pica-pau amarelo*, de Monteiro Lobato. Tia Anastácia e Saci Pererê, que interpretam papéis secundários e então relacionados ao folclórico brasileiros.

Nessa vertente é importante destacar de como é fundamental trabalhar a literatura afro-brasileira no contexto escolar, pois é nesse espaço que os alunos vão poder refletir a respeito de tal questão, mas BEZERRA, (2013) problematiza quando pontuam que o educador estando preso a padrões eurocêntricos, que muitas vezes fazem parte de sua formação, não se permite buscar uma preparação adequada e materiais didáticos para a promoção de discussões sobre a importância da história e da cultura africana e afro-brasileira por meio dos textos literários:

Para tornar efetivo o ensino da literatura afro-brasileira, tendo como base a relação étnica e racial em sala de aula, o educador precisa ter conhecimento das questões que envolvem o referido assunto, colocando a discussão para os alunos de forma positiva e numa perspectiva inovadora para que a partir desse ponto eles reflitam e criem suas próprias conclusões. (COSTA; BEZERRA, 2013, p. 11)

Como sabemos, é essencial que os alunos construam, por meio de projetos e atividades pedagógicas, o respeito à diversidade para como o outro, e assim, possam ter uma relação de respeito dentro e fora da sala de aula, “sendo necessário abandonar os modelos e paradigmas tradicionais, na possibilidade de construir um novo modelo educacional capaz de atender a todos dentro de suas características próprias” (GUIMARÃES, 2002).

O fato é que o preconceito racial existe e a escola é o melhor lugar para conscientizar os alunos disso, e a literatura é uma arma primordial para abordar tal questão, sendo que através dela é possível desenvolver ações pedagógicas nas escolas, conscientizando os alunos de que é possível lutar contra qualquer tipo de preconceito, já que o mesmo aparece de várias formas. Diante disso, Cunha Júnior CUNHA JÚNIOR, (2018, p. 239) destaca que:

[...] As chamadas brincadeiras são contínuas, sistemáticas e deprimem os indivíduos. As crianças aprendem muitas vezes na escola a dura realidade das nossas relações étnicas. Frente às grosserias das piadas, dos insultos e dos abusos racistas diversos, essas crianças são tidas como feias e difíceis, sendo ainda maior o problema quando lhes introjetam esses estereótipos.

Assim, o preconceito racial está implantado nas escolas e também nos alunos negros, pois, muitas vezes, esse grupo se sente desmotivado e conseqüentemente sem vontade de estudar, e nesse caso a escola termina sendo um lugar não agradável para esses alunos, levando em consideração que eles vão sofrer algum tipo de preconceito.

Cavalleiro, (2007) também argumenta que quando o aluno junta algum sentimento em relação à escola e não se sente à vontade nesse ambiente a possibilidade dele não ter um bom rendimento escolar é muito grande, pois um dos aspectos necessários para que a criança

desenvolva a sua aprendizagem é estar inserida em um lugar favorável para que possa se sentir bem e, assim, desenvolver suas habilidades.

Assim, não podemos negar que o preconceito racial juntamente com a discriminação é um problema que atinge muitas crianças negra, jovens e até adultos, pois esses grupos sofrem diretamente na pele os maus tratos, agressões e injustiças, que comprometem todo o desenvolvimento e crescimento pessoal.

Por isso, é importante que essas práticas de combate ao preconceito sejam desenvolvidas na escola, pois, quanto mais cedo o estudante tiver contato com textos literários afro-brasileiros e participar de discussões a respeito da História e Cultura afro-brasileira e africana, eles poderão se tornar seguros de suas ideais, e assim se aceitar e aceitarem com respeito às diferenças étnico-culturais existentes na sociedade.

### 3 Discutindo e refletindo sobre o preconceito racial: uma proposta a partir da literatura

Para a proposta apresentada nesta seção, os textos principais são os contos “Pixaim”, de §Cristiane Sobral, “Negrinha”, de \*\*Monteiro Lobato, e A “Cega e a Negra”, de ††Miriam Alves, todos eles estão em anexo, além de outros, que dialogam com a mesma temática; vídeos, dinâmicas e música, e que não necessariamente são da esfera literária. Inicialmente poderá ser apresentado e trabalhado com a turma a dinâmica do rótulo na testa, depois o conto “Pixaim” e posteriormente os demais. É importante considerar que, antes da leitura de qualquer texto, e como forma de chamar a atenção dos alunos para o que será discutido, o professor poderá desenvolver alguma atividade de motivação, mas tendo o cuidado para que, durante as atividades motivacionais, os alunos entendam que tais atividades não são mero entretenimento e, sim, um preparo lúdico para as atividades que serão desenvolvidas, (COSSON, 2006). Ou seja, são forma de mostrar que é possível aprender brincando. Então como já foi citado acima na primeira atividade o professor poderá começar com a dinâmica do rótulo na testa, pois é uma forma para dialogar e interagir com os alunos.

#### 3.1 Pixaim: recolha o seu preconceito

---

§ Cristiane Sobral é carioca e vive em Brasília desde 1990. Escritora, atriz e professora de teatro. Mestre em Teatro pela Universidade de Brasília, com pesquisa sobre a estética nos teatros negros brasileiros. Dirigiu a Cia de Arte Negra Cabeça Feita, (Teatro) por 15 anos. Imortal cadeira 34 da Academia de Letras do Brasil. Diretora de literatura afro-brasileira no Sindicato dos Escritores. <http://etudeslusophonparis4.blogspot.com/2017/04/pixaim-eletrico.html>

\*\* José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, interior de São Paulo, em 18 de abril de 1882. Formou-se em Direito na Faculdade do Largo São Francisco, mas abandonou a profissão. Foi escritor, jornalista, tradutor, editor e empresário. Além disso, fundou sua própria editora. Publicou dezenas de livros para adultos e crianças. Em 1920, lançou seu primeiro livro infantil, *A menina do narizinho arrebitado*, que alcançou imenso sucesso. A partir daí, começaram a nascer as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*. Lobato criou aventuras com figuras bem brasileiras, recuperando costumes da roça e lendas do folclore nacional. Muitas vezes, usava também elementos da literatura universal, da mitologia grega, dos quadrinhos e do cinema. Escreveu ainda livros que falam de história, geografia e matemática, tornando-se pioneiro na literatura paradidática. Lobato faleceu em São Paulo, em 4 de julho de 1948. É considerado o pai da literatura infantil no Brasil.

†† Miriam Alves poeta, dramaturga e prosadora, nascida em São Paulo, em 1952. Publicou os livros de poemas 'Momentos de busca' (1983), 'Estrelas nos dedos' (1985), a peça 'Terramara' (1988), em coautoria com Arnaldo Xavier e Cuti, o livro de ensaios 'Brasil afro autor revelado' (2010), a coletânea de contos 'Mulher Mat(r)iz' (2011) e o romance 'Bará na trilha do vento' (2015). Integrou o movimento Quilombhoje Literatura de 1980 a 1989, e foi escritora visitante na Universidade do Novo México, na Escola de Português de MiddelburyCollege em 2010, nos Estados Unidos, e participou de debates sobre a literatura afro-brasileira e feminina nas Universidades do Texas, na Universidade do Tennessee e na Universidade de Illinois. Publica poemas nos Cadernos Negros desde 1982 e foi traduzida em antologias como *Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement* (Estados Unidos), *Moving beyond boundaries: Internacional dimension of Black women's writing* (Inglaterra) e *Schwarzepoesie: Poesia Negra* (Alemanha).

O cabelo é um dos elementos que mais se destaca no corpo humano, seja ele, masculino ou feminino. O fato é que os grupos étnicos são tratados com indiferença pela sociedade, pois isso, na maioria das vezes, tratar mal uma pessoa que tem o cabelo crespo ou cacheado, chegando a manipulá-la e inconscientemente obrigando essas pessoas a alisarem o seu cabelo, e elas terminam alisando, com medo de ser discriminada ou excluída do grupo das amigas. E o constrangimento dessas vítimas aumenta quando o preconceito surge dentro de casa, chegando às vezes a ser até da mãe.

Por isso, para trabalhar como o texto de Cristiane Sobral, sugerimos uma sequência de seis (8) aulas. Já para o trabalho com o texto Monteiro Lobato, o número de aulas poderá ser de seis a dez (6/10) aulas. E com o texto de Miriam Alves uma sequência de seis a sete aulas (6/7), lembrando que esses textos respectivamente, constituem o escopo de toda a proposta e que estarão, todavia, estão sendo postos em diálogo com outros textos que também possuem a mesma temática. Essa proposta foi pensada para uma turma de ensino médio, com um total de 25 aulas.

Assim, para o primeiro encontro, sugerimos que fosse trabalhada a dinâmica do rótulo na testa. Essa dinâmica tem três fases: primeiramente, o docente apresenta as etiquetas e coloca na testa dos alunos. Avisando a eles que ninguém poderá ver o que está escrito em sua testa, assim, como os demais não poderão falar o que está escrito na testa dos outros. Após todos estarem devidamente “rotulados” com as seguintes frases:

Sou Criativo: Ouça-Me

Sou Inferior: Ignore-Me

Sou Prepotente - Tenha Medo

Sou Surdo (A) – Grite

Sou Poderoso (A) – Respeite

Sou Engraçado (A) – Ria

Vale ressaltarmos que as palavras que serão colocadas na testa dos alunos ficarão ao critério do professor. Então, partiremos para segunda etapa. Nesse momento, os alunos serão orientados a andarem pela sala, interagindo uns com os outros, de acordo com o que está escrito na testa de cada um. Enquanto a turma interage, o professor observa com atenção as reações e o clima gerado pelo exercício para ter subsídios e poder fomentar a discussão posterior. Na última etapa, cessar a atividade e pedir aos alunos que voltem aos seus lugares, mas não tirem as etiquetas. Vale a norma de não saber o que estava escrito em sua testa nem

comentar o que está escrito na testa dos outros participantes. Depois de todos estarem em seus devidos lugares, o professor começará a perguntar aos participantes, um a um:

- a) que sentimento teve durante a atividade?
- b) sentiu-se bem? Pressionado? Confortável?
- c) como os outros participantes reagiram com você?
- d) como se sentiu em relação a eles?
- e) o que acha que está escrito em sua testa?

Após as possíveis respostas dadas pelos alunos, será pedindo que tirem sua etiqueta e olhem o que está escrito. Nesse momento, outras perguntas serão feitas:

- a) era isso que esperava que estivesse escrito?
- b) a atitude que tiveram com você foi justa?
- c) agora que sabe o que estava escrito, seu sentimento em relação a como trataram você mudou?

Ao término de todos os depoimentos, o professor perguntará:

- a) o que podem extrair dessa experiência?
- b) o que terminou de acontecer com você foi Preconceito? Por quê?
- C) você acha que o hábito que temos de rotular as pessoas colaborou na forma como seus colegas trataram você?
- d) O que ocorreu durante a atividade, pode acontecer em nosso dia a dia?

É importante ressaltar que o professor precisa se preparar para discutir os conceitos sobre: O que são preconceitos? Por que ocorrem?

Em seguida, será passado um<sup>††</sup> vídeo “*Preconceito, racismo e discriminação no contexto escolar*”. Objetivo é que os alunos percebam que o mesmo se trata de preconceito e assim, fiquem à vontade para falarem se já sofreram desse mal.

Depois do momento de <sup>§§</sup> motivação e dos depoimentos dos alunos, iremos dar início à leitura do conto “Pixaim”, de Cristiane Sobral. Mas, antes de os alunos receberem o texto em estudo, serão apresentadas para a turma três gravuras. <sup>\*\*\*</sup> A primeira de uma mulher com

---

†† <https://www.youtube.com/watch?v=SP1ZX47muUE>

§§ Entregar para os alunos um pedaço de papel ofício, para eles escreverem uma palavra que a considerem tortura. Depois perguntar por que eles consideram aquela palavra como sendo tortura.

\*\*\* <https://www.google.com/search?q=gravura+de+mulher+com+cabelo+pixaim&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab>

cabelos cacheados e com dificuldades para desenvolver a ação em virtude do estado de embaraço em que se encontram os cabelos:



Figura 1: Pixaim

Nesse caso, o aluno precisa responder algumas perguntas a respeito das imagens apresentadas. Sugerimos as seguintes:

- a) que leitura vocês fazem da primeira imagem? Por quê?
- b) vocês conhecem alguém que tem o cabelo parecido com o da mulher da primeira imagem?
- c) se o seu cabelo fosse desse jeito o que você faria? Alisava ou deixava do jeito que é? Por quê?

A segunda delas é o ††† retrato de uma mulher também com cabelos cacheados, porém bem arrumado e mostrando um produto pré-poo caseiro, essa expressão está em inglês e significa "pré-shampoo", ou seja, aplicar um produto condicionante antes de aplicar o shampoo.

---

††† <https://www.maisestilosa.com/2017/02/pre-poo-pre-shampoo-o-que-e-como-fazer-e-o-que-usar-nos-cabelos.html>



Figura 2: hidrate bem os seus cabelos

Em seguida serão apresentadas aos alunos as seguintes perguntas:

- a) vocês já usaram algum tipo de produto químico no cabelo? Qual?
- b) tendo usado produto químico no cabelo, por que usou tal produto?
- c) observando mais uma vez a segunda imagem, vocês sabem por que a mulher se encontra com o cabelo na posição em que esta?
- d) por que a referida mulher está usando um produto químico no cabelo?
- e) vocês usariam um cabelo nesse estilo? Por que não?
- f) qual a diferença entre o cabelo da segunda e o da primeira imagem?

A <sup>†††</sup>terceira e última delas é o retrato de uma mulher negra aparentemente satisfeita com o seu cabelo.

---

††† [https://www.amazon.com.br/Livros-Cristiane-Sobral/s?rh=n%3A6740748011%2Cp\\_27%3ACristiane+Sobral](https://www.amazon.com.br/Livros-Cristiane-Sobral/s?rh=n%3A6740748011%2Cp_27%3ACristiane+Sobral)





Figura 4: gosto dos meus cabelos assim!

Por fim, é preciso voltar-se para a discussão em torno da terceira imagem. Nesse momento, é importante deixar que os alunos reflitam sobre a frase que aparece na capa do livro. Nesse caso, pode-se incentivar a reflexão por meio de uma pergunta, tal como, se no entendimento deles a mulher que aparece na imagem está satisfeita com o cabelo que tem. Quando as atividades de motivação forem concluídas, será entregue uma cópia do conto “Pixaim” aos alunos.

E sabendo a importância que a leitura tem na vida do leitor e em especial na do aluno, e levando em consideração que, na maioria das vezes, o educando não demonstra interesse pela leitura, essa será feita em voz alta pelo docente. Concluída a etapa da leitura, deve ser aberto espaço para debates e trocas de informações sobre o texto lido, e a discussão pode ocorrer a partir das seguintes perguntas:

- a) vocês se identificaram com o conto em algum momento da leitura?
- b) como você analisa a atitude da mãe da personagem?
- c) por que a personagem não gostava quando a mãe arrumava o cabelo dela?
- d) descreva como se desenvolveu a dinâmica da primeira sessão de tortura da personagem.

Terminada essa etapa de análise e interpretação do conto “Pixaim”, o professor pedirá aos alunos que escrevam um texto demonstrando as impressões que conseguiram abstrair da leitura, mas tendo o cuidado de priorizar a ideia original do conto a fim de aprofundar o contato dos alunos com o texto de §§§Cristiane Sobral e com os seus aspectos formais, temáticos e sociais. Esse é o momento, pois, de desmontagem do texto original. Ou seja, o objetivo dessa desmontagem é os alunos se colocarem no lugar da mãe de Pixaim e da vizinha da mesma e escreverem em um outro gênero literário; como carta, bilhete, resumo crítico entre outros, uma resposta para personagem principal. Por exemplo, será que depois de tanto tempo a mãe e a vizinha de Pixaim teriam se arrependido pelo o que fizeram o com cabelo dela? Ou fariam tudo de novo? E “Pixaim” será que perdoaria as pessoas que fizeram tanto ela sofrer?

É oportuno lembrar que tanto a mãe como também a vizinha da menina alisavam com cabelo dela, mas essa não gostava para era um ato de tortura. Voltado ao texto desmontar um texto é multiplicá-lo, fazer com que ele passe por diferentes mutações, passando de uma série para outra sem perder o vínculo com o texto de origem, apropriando a força do poder da literatura. Após ter finalizado todo esse processo sobre o conto de Pixaim, o professor pode apresentar para os alunos a biografia da escritora Cristiane Sobral e também poderá comentar sobre algumas mulheres negras que são nomes importantes na literatura brasileira, mas que ainda desconhecemos, como as escritoras: Ana Maria Gonçalves, Carolina Maria de Jesus, Esmeralda Ribeiro entre outras.

### **3.1 Negrinha: qual cor de um sonho ?**

O sonho faz parte da vida do ser humano, pois é “*a estrada real que conduz ao inconsciente*”. Ou seja, o sonho é a realização de um desejo infantil, que quando não é realizado a pessoa pode ficar traumatizada, principalmente quando ainda somos crianças. Pois, qual menina nunca desejou ter uma bela boneca? E qual menino que não quer ganhar um carrinho mesmo que simples? Por isso, para dar continuidade a nossa proposta, foi escolhido o conto “Negrinha”, Monteiro Lobato, visto que com ele, também é possível trabalhar o preconceito racial.

Portanto, para essa aula com o texto de “Negrinha” o professor poderá trabalhar como atividade de motivação a dinâmica dos adjetivos. Ele levará para a sala de aula duas bonecas

---

§§§ <https://cristianesobral.blogspot.com.br/2015/05/conto-pixaim-de-cristiane-sobral.html>

uma de cor preta e outra branca, e pedirá que os alunos as caracterizem, assim, eles poderão refletir a respeito das relações étnico-raciais, que são presente na sociedade brasileira.

Em seguida, deverá ser entregue um pedaço de papel ofício para cada aluno, assim, eles vão poder qualificar as bonecas, atribuindo os adjetivos que acharem mais adequados a cada uma delas, de acordo com o próprio entendimento. Depois, o professor fará algumas perguntas, tais como:

- a) as bonecas representam a etnia negra e a outra a branca? Justifique seu posicionamento!
- b) Quais adjetivos vocês podem atribuir a cada uma das bonecas? Por quê?

Com essas atividades, encerra-se o momento lúdico e ao mesmo tempo preparatório para a leitura, pelo que se faz necessário dar início à leitura de “Negrinha”. Por questão de didática, essa leitura será feita em duas etapas, divididas da seguinte forma: na primeira o professor entregará o início do conto para os alunos até a seguinte passagem da leitura: “Inda é o que vale...”, depois abrirá espaço para a discussão e debates, levando os alunos a refletirem sobre algumas perguntas do texto em estudo, vejam:

- a) por que na descrição que faz de Negrinha, o narrador afirma que ela tem os olhos assustados?
- b) que ações ao longo do conto permitem-nos afirmar que a forma como o narrador descreve Dona Inácia é marcada por ironia?
- c) identifique os tipos de violência, a que a personagem principal é submetida?

Concluída essa primeira etapa de análise/interpretação do conto, o professor pedirá aos alunos que escrevam um final para “Negrinha”, mas deverão levar em consideração suas próprias impressões pessoais sobre a temática posta em discussão. Cumprindo essa atividade, os alunos deverão socializar as suas produções com a turma, defendendo oralmente seu ponto de vista, vale ressaltar que até esse momento ainda não se chegou ao final da leitura do conto em estudo.

Finalizada essa primeira fase na leitura, deve voltar-se ao texto para que os alunos tenham conhecimento da segunda parte o desfecho da narrativa. Nessa segunda fase do trabalho, segue-se a leitura de forma coletiva. Novamente, o professor guiará a discussão sobre o texto, dessa vez acerca da segunda parte de “Negrinha”, fazendo mais perguntas que

possam levar os alunos a refletirem sobre a temática em discussão, o preconceito. Dessa forma, deverá ser feita para a turma as seguintes perguntas:

- a) A chegada das sobrinhas de dona Inácia modificou a vida de Negrinha? Justifique.
- b) Na opinião de vocês o que causou a morte de Negrinha? Justifique.

Tendo finalizado a leitura e análise da última parte do conto “Negrinha”, escrito em um contexto histórico que remete ao \*\*\*\* final do século XIX e início do século XX, o professor trabalhará com a utilização de †††† gravuras. Assim, os alunos poderão ampliar seus conhecimentos a respeito do preconceito racial, a partir do texto literário em estudo, bem como ante o diálogo com os demais colegas de sala, e com outras formas de textos. Segui as algumas gravuras que poderá ser trabalhada:



Figura 4: meu sonho è ter uma boneca.

---

\*\*\*\* <http://www.virgula.com.br/inacreditavel/fotografias-do-seculo-xix-mostram-cara-da-escravidao-no-brasil-imperial/#img=9&galleryId=94579>

†††† <http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/negrinha-de-monteiro-lobato-preconceito-e-racismo/>



Figura 5: a escravidão no século XIX.

Nesse momento da análise do conto, o professor dividirá a turma em quatro grupos e, após a divisão, entregará para as equipes cartolinas, gravuras e cola, para que cada grupo possa organizar as figuras na cartolina, explicando qual a relação das imagens com o texto de “Negrinha”. Lembrando que as figuras são semelhantes a essas postas a cima.

O objetivo principal dessa atividade é mostrar aos alunos que, a partir do texto literário, podemos ter acesso a épocas distintas e conhecer como a nossa sociedade se organizava e como se davam as relações sociais e de poder entre os sujeitos. Diante disso, Cosson (2013, p.12) pontua que, a necessidade principal sobre a qual o professor deve voltar-se é a de contribuir para formar leitor, a apresentando para o aluno textos diversificados nas mais distintas temáticas a fim de que ele se familiarize com o texto literário e tome gosto por sua tendência estética, apreciando a obra literária.

Por isso, para dialogar mais com os alunos o docente poderá trabalhar com a canção de Chico César, “*Respeite meus cabelos, brancos*”, assim, os alunos poderão compreender que é possível trabalhar com vários gêneros literários com a mesma temática.

Mas, para isso é preciso que o professor de literatura também seja um bom leitor. Cosson (2013) confirma que;

Esse leitor não é apenas quem gosta de ler ou tem o hábito da leitura- característica, aliás, necessária a qualquer professor. Muito mais que isso, devemos esperar que tenha construído ao longo de seu processo formativo um repertório de obras literárias. Um leitor que tenha competência, por meio da aprendizagem feita nesse processo, de selecionar para seus alunos e para si mesmo obras significativas para a experiência da literatura, avaliando a atualidade tanto da produção contemporânea quanto dos textos herdados da tradição (COSSON, 2013, P. 21).

Com esse conhecimento o professor terá a oportunidade de oferecer para os alunos um saber mais adequado a respeito do texto literário, além de poder compartilhar do seu saber especializado de docente com os alunos e juntos poderão construir na sala de aula um

caminho para a aquisição de outros conhecimentos. E assim, seguirá um método para trabalhar com a música já citada acima.

Portanto, levando em consideração que tanto o primeiro conto, “Pixaim”, quanto o segundo, “Negrinha”, falam sobre a identidade negra, a partir do cabelo, nesse encontro, poderá ser levada para a sala de aula a música †††† “Respeitem meus cabelos, brancos”, do cantor paraibano Chico Cesar.

Respeitem meus cabelos, brancos /  
 chegou a hora de falar /  
 vamos ser francos /  
 pois quando um preto fala o branco cala ou deixa a sala com veludo nos tamancos /  
 cabelo veio da África /  
 junto com meus santos /  
 cabelo veio da África /  
 junto com meus santos /

benguelas, zulus, gêges, rebolos, bundos, bantos /  
 batuques, toques, mandingas, danças, tranças, cantos /  
 respeitem meus cabelos, brancos /  
 respeitem meus cabelos, brancos /

se eu quero pixaim, /deixa /  
 se eu quero enrolar, /deixa /  
 se eu quero colorir, /deixa /  
 se eu quero assanhar, /



deixa, deixa, deixa a madeixa balançar  
 se eu quero pixaim, /deixa /  
 se eu quero enrolar, /deixa /  
 se eu quero colorir, /deixa /  
 se eu quero assanhar, /

deixa, deixa, deixa a madeixa balançar  
 [Repete]  
 Fui claro?

Chico César assim se manifesta sobre a música:

O disco leva o mesmo título da faixa ("Respeitem meus cabelos, brancos")

E como momento de reflexão e interativo entre discente e docente, poderá ser trabalhado antes da música um bingo didático, com uma possível frase de título: o cabelo de. O bingo poderá ser feito da seguinte forma; o professor entregará para os alunos cartelas, a primeira terá todas as palavras, como: preconceito, respeito, cabelo, madeixa, pretos enrolar, balançar e cacheado. As demais também deverão ter “todas as palavras”, mas as palavras das cartelas precisam ser trocadas, para que assim, o bingo de certo. Observe as:

<b>BINGO DIDÁTICO, O CABELO DE:</b>	<b>O CABELO DE</b>
	
PRECOCEITO	CABELO
RESPEITO	CACHEADO
ENROLAR	MADEIXA
BALANÇAR	PRETOS

1º cartela

<b>BINGO DIDÁTICO, O CABELO DE:</b>	<b>O CABELO DE</b>
	
PRECOCEITO	CABELO
RESPEITO	CACHEADO
ENROLAR	DESCRIMINAÇÃO
BALANÇAR	PRETOS

2º cartela

Lembrando que o professor precisará está com todas as palavras dentro de uma caixa para ir balançando e retirando as de dentro dela. Quando o professor tirar de dentro dessa a palavra cacheado o aluno que tiver marca e assim sucessivamente e bate quem conseguir marcar todas as palavras primeiro. Vale salienta que essa cartela é somente um exemplo, tudo

ficará a critério do professor regente. Após esse momento reflexivo, os alunos receberão a letra da canção impressa que deverá ser passada em um aparelho de som, rádio ou notebook. Ao ouvirem a música em estudo, os alunos serão questionados sobre o título dessa, nessa etapa, o professor escreverá no quadro o título dela de duas formas:

“Respeitem meus cabelos, brancos”.

“Respeitem meus cabelos brancos”

Os alunos serão levados a refletirem sobre a ambiguidade, ou seja, a dualidade de sentidos que aparecem a partir da função da palavra “branco”. Então, o professor perguntará aos alunos:

- Qual o sentido da palavra branco na primeira frase? E na segunda?

Após, as possíveis respostas dos alunos, o professor explicará que, no título da música, a palavra “branco” é um vocativo, pois representa o grito de liberdade para poder decidir sobre o próprio cabelo sem ser julgado, tachado ou desrespeitado. Depois de ter explicado para os alunos sobre dualidade de sentido, será dada continuidade à análise da música. Então o professor perguntará:

- a) por que na primeira estrofe da música o compositor pede o respeito dos brancos?
- b) por que o compositor exige sinceridade para lidar com as questões acerca das características físicas do negro?
- c) a que tipo de preconceito o compositor se refere na música?
- d) na última estrofe, Chico Cesar clama pela liberdade dessa ação: quais frases ou expressões são possíveis confirmá-la?

Mas, para não deixar os alunos perderem o interesse pela leitura literária prosseguirá com mais uma proposta de leitura dessa vez com o conto “A Cega e a Negra”, de Miriam Alves. Sendo que esse dará para abordar a temática do preconceito racial de uma maneira mais ampla, pois no texto é possível explorar mais a respeito do preconceito social.

### **3.2 A Cega e a Negra: enxergando os preconceitos**

Aquino (1998) pontua que a escola é o lugar não só de acolhimento das diferenças humanas e sociais, mas também da diversidade de sua clientela, por isso, fundamentalmente também é o lugar a partir do qual se aparecem novas diferenças, se instauram novas demandas, se criam novas apreensões acerca do mundo já conhecido.



Por isso, nesse encontro sugerimos que seja trabalhada com os alunos a “dinâmica da transformação”. Essa tem o objetivo de levar os alunos a refletir para novas possibilidades de encarar os problemas preconceitos, propiciando o crescimento e amadurecimento das ideias. A dinâmica será realizada em três etapas. Primeiramente, o professor entregará para os alunos uma folha de papel ofício e outra fica com o docente.

Este começa a dinâmica amassando a folha de papel, em seguida pedirá que os alunos fechem os olhos e também amassem a folha de papel ofício, como se estivessem amassando um de seus problemas. Na segunda etapa da dinâmica, o professor pedirá à turma que abra os olhos e desamassem a folha de papel, essa vai estar no formato de uma flor. Na última etapa da dinâmica, o professor comentará a seguinte frase:

Sempre enfrentamos problemas/ preconceitos e dificuldades, porém esses problemas sempre nos fazem crescer como pessoas, nos tornando mais forte, ou seja, o papel amassado é o problema e a flor é o renascimento da esperança fazendo com que eles reflitam sobre o mesmo. Finalizada a dinâmica, será passado para os alunos um §§§§vídeo "O preconceito cego”, nesse caso o objetivo é os alunos ouvir/ assistirem o vídeo e perceberem em que momento o preconceito acontece Depois, o professor perguntará aos alunos:

- a) no vídeo, o jovem de pele escura ao entrar no supermercado a todo o momento é acompanhado pelo segurança do estabelecimento. Por que o jovem de cor branca que também entra praticamente na mesma hora do jovem negro não é vigiado?
- b) vocês acham certo o segurança do supermercado ter fingido não ver o jovem branco roubar?

Após esse debate, os alunos receberão o conto “A Cega e a Negra”, impresso e a leitura será lida pelo professor e analisadas com a turma

O professor, perguntará aos alunos:

- a) no conto, faz-se menção ao movimento de uma aranha, fazendo, o tempo todo, uma analogia entre sua teia e o tecido da vida. O que as personagens Cecília e Flora teceram?
- b) ao começarmos a ler o texto, é possível saber quem é a Cega e quem é a Negra? Por que não?
- c) onde as personagens se conheceram?

- d) segundo o texto, sempre que Cecília ia ao banco, a porta giratória travava. Por que no dia em que ela conheceu Flora a porta não travou?
- e) por que quando Cecilia tropeçou na bengala de Flora, pareceu um gesto ameaçador para os seguranças?
- f) que tipo de crítica é possível encontrar no texto?
- g) onde está o preconceito? Na mente das pessoas ou na cor da pele delas? Por quê?
- h) o que as personagens tinham em comum?

Tendo esgotado as perguntas, o professor pedirá aos alunos, que por meio de imagens produzam textos que possam representar o preconceito. O professor sugerirá que os cartazes tenham como título: “Onde você guarda seu preconceito”? Pois assim, os alunos vão poderem refletir um pouco mais sobre essa temática. Mas, vale ressaltar, que antes das produções dos cartazes o professor, explicará sobre esse gênero.

Por isso, nesse encontro, o professor explicará o que é um cartaz e qual a sua função, apontando suas principais características. Porém, antes da explicação o professor apresentará alguns exemplos de cartazes para os alunos compreenderem melhor esse gênero textual. Seguem alguns modelos de \*\*\*\*\* cartazes:



5º figura: aqui tem cultura



6º figura: um está sempre pronto para ajudar quem precisa.

Após mostrar esses cartazes à turma, o professor perguntará aos alunos se eles já tinham visto esses cartazes antes e qual a função de cada um. Depois das possíveis respostas dos alunos, o professor explicará de forma clara e objetiva a função deles. Tendo explicado sobre o gênero cartaz e quais os principais elementos que os compõem, será pedido à turma que comecem suas produções. Por fim, eles deverão explicar para os colegas as produções e em seguida essas serão afixadas em um mural didático no pátio da escola.

E assim, nessa perspectiva de interação, Jouve (2012) também concorda com a ideia defendida por Cosson (2013), ao afirmar que o texto literário é como objeto da linguagem que deve ser contemplado no processo de ensino pelo fato de exprimir uma cultura, um pensamento e uma relação com o mundo Jouve (2012)

Nesse sentido, o texto literário não só nos serve como artefato cultural, mas, sobretudo, como um documento, uma fonte em que vários saberes estão postos em diálogo, conforme assinalara Barthes (2007) há bastante tempo:

Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devesse ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. [...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possível – insuspeitos irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está atrasada ou adiantada com relação a esta [...]. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o sabor que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe

alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens (BARTHES, 2007, p. 18-19).

Sendo assim esperamos que não só pela temática, mas, sobretudo, pela forma como a temática é abordada nos contos trabalhados, em especial a partir de alguns recursos próprios da linguagem literária (tais como o tipo de narrador, a construção dos diálogos, as figuras de linguagem), os alunos sintam-se tocados pelos textos e possam, pouco a pouco, entre um e outro texto, uma e outra atividade, ser fisgados pela literatura. Em todo caso, é preciso que as atividades realizadas pelos alunos sejam socializadas no interior da sala de aula, mas, sobretudo, para além desse espaço de maneira que toda a escola seja tocada pelo trabalho que, nascido na sala, precisa ir mais além.

Por isso, é importante que o docente seja criativo para pensar em formas de como as atividades dos seus alunos podem ter uma maior difusão. Nesse caso, nunca subestimar o aluno é uma atitude importante, mas estabelecer como ele parcerias que, certamente, renderão muitos e bons frutos até porque o que não falta nas escolas país afora é aluno criativo que adora colaborar com o professor.

#### **4 CONCLUSÃO**

Com a presente proposta de trabalho e com a temática do preconceito racial a partir da leitura de textos literários escritos em épocas distintas um do outro, dando condições para que a escola volte-se para o debate e a reflexão séria acerca de temas de interesse sociais que devem perpassar a formação de nossos alunos.

No caso específico da temática escolhida para a nossa proposta de atividades, é preciso destacar que a discussão sobre preconceito racial, bem como sobre toda forma de preconceito, é uma ação não só pedagógica, mas, sobretudo, política, uma vez que o preconceito tem feito muitas vítimas e a escola não pode ficar alheia a essa discussão e ao combate a toda e qualquer forma de violência.

Por isso, combate o racismo e as desigualdades sociais e raciais, são compreendidas como uma forma de reeducação das relações étnico- racial, e que esses problemas não é tarefa apenas da escola, mas de todos aqueles cidadãos que têm interesse por uma sociedade melhor, principalmente as famílias. Pois a escola não tem obrigação de lutar sozinha contra algo tão sério que cada dia se manifesta como é o caso do preconceito e das praticas racistas, ela precisa do apoio da sociedade e dos governantes, para poder lutar com mais garra na busca de melhoria para esse problema. Assim (GOMES, 2003), comenta: o desafio está colocado.

Resta agora entendermos que mais do que um desafio, a discussão sobre raça negra e educação, nos seus múltiplos desdobramentos, é um dever dos educadores e educadoras e também daqueles responsáveis pela condução dos processos de formação docente.

Portanto, a partir da leitura dos textos indicados e das atividades aqui propostas, é possível realizar um trabalho em sala de aula que possa conscientizar jovens e adolescentes em estágio de formação de personalidade que o preconceito é uma forma perversa de olhar para o próximo, que desrespeita as diferenças e individualidades de cada pessoa.

### **ABSTRACT**

The present work is a systematization, in the form of a didactic proposal, of a set of activities that we carry out as scholarship recipients of the Institutional Program of Initiatives for Teaching (PIBID). This proposal will focus on a didactic-methodological suggestion to approach the theme of racial prejudice by working with the following tales: Negrinha, by Monteiro Lobato, and Pixaim by Cristiane Sobral, and A Cega e Negra by Miriam Alves which are the scope of the whole proposal and which will, however, be put in dialogue with other texts that also have the same theme. In order to subsidize our proposal, we rely on the guidelines of Antunes (2003), Candido (1995; 2002), Geraldi (1997), in addition to what is set out in the parameters of teaching in our country and the state of Paraíba. Our objective with the proposal to be presented in this work is that, based on the actual reading of the literary text that addresses the theme of racial prejudice, not only can we reiterate the importance of the discussion of ethnic-racial issues in the classroom, but above all, to contribute to the formation of students open to cultural diversity and respectful of differences between people. In doing so, we hope that our Project will be able to assist other teachers who want to discuss ethnic-racial issues in the classroom and foster debate on racial prejudice in and out of school.

**Keywords:** Literature Teaching. Ethnic-racial issues. Racial prejudice.

### **REFÊNCIAS**

ALVES, Miriam. Alice está morta. In. QUILOMBOHOJE (org.). **Cadernos Negros: os melhores contos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

ARROYO, G.M. **Políticas educacionais, igualdade e diferenças**. RBP AE; v. 27, n.1, p.83-94, Jan/abr. 2011.

BARROS, S. A. P. (Org.) **Cadernos afro-paraibanos** – Vol. I Educação, ações afirmativas e relações étnico-raciais. João Pessoa: NEABI/UFPB, 2012.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária no Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BERND, Zilé. **O que é negritude**. Editora Brasiliense. São Paulo. 1988.

BEZERRA, R. A. Literatura afro e/ou negro-brasileirana sala de aula: propostas de leituras do texto literário. In: MELO, C. A.; SANTOS, L. **Letramento literário e formação do leitor: desafios e perspectivas do PROFLETRAS**. João Pessoa: EdUFPB, 2015.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”**. Brasília, 2008.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais (PCNs)**, 1997 – pluralidade cultural. Brasília: MEC, 1997.

Burchard, C. P., e Sartori, J. (2011). **Formação de professores de ciências**: refletindo sobre as ações *do PIBID na escola*. 2º Seminário sobre Interação Universidade/Escola. 2º Seminário sobre Impactos de Políticas Educacionais nas Redes Escolares, Santa Maria/RS, 25-29.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: vários escritos. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CANDIDO. Antônio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. 34.ed São Paulo: Duas Cidades, 2002.

Capes. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2014). **Programa institucional de bolsa de iniciação à docência – PIBID**. São Paulo. Disponível em: <http://capes.gov.br/educacaobasica/capespibid>

CATANANTE, Bartolina. **A proposta educacional de Mato grosso do Sul**: a formação do cidadão crítico segundo a percepção dos professores do ensino fundamental. São Carlos: UFSC, 1999, p.1-162.

CAVALLEIRO, Elaine. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Elaine. **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando a nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2007. izadores)- Fortaleza: Edições UFC, 2008

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, D. R.; BEZERRA, R. A. **A literatura afro-brasileira em sala de aula**, 2013.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola**. 2018.

DUARTE, E. A. **Literatura afro-brasileira**: um conceito em construção. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 31, p. 11-23, 2008.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação

FROELICH, Jean Claud. Animisme: lesreligionspaiennes de l’Afriqui de l’ ouest. Paris Editions de l’ 964.

FREUD, SIGMUND **A Interpretação dos Sonhos**, Edição C. 100 anos, Imago-RJ.1999

GERALDI, João Wanderley. **Unidades básicas do ensino de português**. In: \_\_\_\_\_. (Org.). O texto na sala de aula: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 49-79.

GOMES BARBOSA, J. B. **A recepção do instituto da ação afirmativa pelo direitoconstitucional brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Renovar, 2001.

GUIMARÃES, T. M. (Org.) **Educação Inclusiva: construindo significados novos para a diversidade**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2002.

JOBIM, J. L. A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar. In: ZILBERMAN, R.;

JOUVE, V. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus, 2009.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. In: Contos completos. 1- ed. – São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

OLIVERA, Ivone Martins de. **Preconceito e Autoconceito: Identidade e Interação na sala de aula**. São Paulo: Papirus, 2007.

PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos temas transversais e ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

RÖSING, T. (Orgs). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009, p. 113-137.

SOBRAL, Cristiane. Para gostar de ser. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. (Org). Cadernos negros 24: **contos afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2001, p. 13-17.



TELLA, M. A. P. (Org.). **Cadernos Afro-Paraibanos, João Pessoa**, v. 1 – Educação, Ações Afirmativas e Relações Étnico-Raciais, dez. 2012.

## **ANEXO A – PIXAIM CRISTIANE SOBRAL**

Rio de Janeiro. Qualquer dia da semana num tempo que passa morno, sem novidades. Num bairro distante no subúrbio da zona oeste, uma criança negra de dez anos e pequenos olhos castanho-escuros meio embaçados pelo horizonte sem perspectivas é acusada injustamente. Em meio ao espanto, descobre que existem pessoas descontentes com a sua maneira de ser e decide lutar para manter intactas as suas raízes.

Os ataques começaram quando fui apresentada a uns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre as minhas madeixas acinzentadas. Pela primeira vez ouço a expressão cabelo “ruim”. Depois uma vizinha disse a minha mãe, que todos os dias lutava para me pentear e me deixar bonitinha como as outras crianças, que tinha uma solução para amolecer a minha carapinha “dura”.

Pela primeira vez foram violentadas as minhas raízes, senti muita dor, e fiquei frágil, mas adquiri também uma estranha capacidade de regeneração e de ter idéias próprias. Eu sabia que não era igual às outras crianças. E que não podia ser tratada da mesma forma. Mas como dizer isso aos outros? Minha mãe me amava muito, é verdade, mas não percebia como lidar com as nossas diferenças.

Eu cresci muito rapidamente, e para satisfazer aos padrões estéticos não podia mais usar o cabelo redondinho do jeito que eu mais gostava, pois era só lavar e ele ficava todo fofinho, parecendo algodão. Uma amiga negra que eu tinha costumava amarrar uma toalha na cabeça, e andar pela casa, fingindo que tinha cabelo liso e dizia que o sonho dela era ter nascido branca. Eu achava estranho. Não percebia como alguém poderia ser algo além daquilo que é. Minha mãe decidiu que o meu pixainho tinha que crescer e aparecer. Lembro do pente quente que se usava na época, para fazer o crespo ficar “bom”, e da marca do pente quente que tatuou meu ombro esquerdo, por resistir àquela imposta transformação. Era domingo, íamos todos a uma festa, e eu tinha que ficar bonita como as outras. No caminho, caiu uma chuva, dessas de verão, e em poucos minutos, houve o milagre, pois a água anulou o efeito do pente. Eu chorava porque achava que o meu cabelo nunca voltaria ao normal, e minha mãe ficou brava porque eu estava parecendo comigo, de um jeito nunca antes visto!

Por um tempo tive paz. Fazia o que bem entendia com meus fios, mas sabia que algo estava

sendo preparado. A tal vizinha apareceu lá em casa dizendo que viajaria por uns dias, mas que quando voltasse traria um produto para dar jeito no meu rebelde. Lamentava o fato de que eu não era tão escurinha, mas tinha um bombrilzinho! Dormi com medo. Sonhei com uma família toda pretinha e com uma vó que me fizesse tranças como aquelas que eu vi numa revista, cheias de desenhos na cabeça, coisa que só a minha carapinha permitia fazer... Mas minha mãe não sabia nada dessas coisas...

O henê era um creme preto muito usado pelas negras no subúrbio do Rio de Janeiro, que alisava e tingia os crespos. A propaganda da embalagem mostrava uma foto de uma mulher negra sorridente com as melenas lisas. Só que o efeito do produto não era eterno, logo que crescesse um cabelinho novo, era necessário reaplicar o creme, dormir com bobies, fazer touca, e outras ações destinadas a converter o cabelo “ruim”, em “bom”. O produto era passado na cabeça bem quente e mole, mas quando esfriava endurecia. Uma hora depois, a cabeça era lavada com água fria em abundância até a sua total eliminação.

Jamais esquecerei a minha primeira sessão de tortura. Era um bonito dia de sol e céu azuladíssimo. Eu brincava no quintal distraída quando ouvi o chamado grave de minha mãe, já com a panela quente nas mãos, e pensei com pavor na foto da mulher com cabelo alisado.

Nesse momento tive a certeza de que mamãe queria me embranquecer! Era a tentativa de extinção do meu valor! Chorei, tentei fugir e fui capturada e premiada com chibatadas de vara de marmelo nos braços. Fim da tentativa inútil de libertação. Sentei e deixei o henê escorrer pelo pescoço enquanto gelava por dentro, até sentir a lâmina fria da água gelada do tanque de concreto penetrando em meu couro cabeludo. Depois, já era tarde, minha mãe encheu minha cabeça de bobies. Segui inerte. Chorei insone aprisionada pelos bobies amarrados na cabeça, sentindo uma imensa dor e o latejar dos grampos apertados.

Dia seguinte. Minha mãe me chamou inesperadamente carinhosa e me colocou frente ao espelho. Pela primeira vez disse:

- Você está bonita! Pode brincar, mas não pule muito para não transpirar e encolher o cabelinho.

Eu olhei e não acreditei. Já tinha a expressão da mulher da caixa de henê. Chorei pela última vez e jurei que não choraria mais. Porque era tão difícil me aceitar? Dei adeus aquilo que jamais consegui ser, me despedi silenciosamente da menina obediente, e comecei a me transformar.

Os vizinhos ficaram felizes com a confirmação da profecia. Diziam que preto não prestava mesmo. Todo mundo se sentia no direito de me dar uns tapas, para me corrigir, para o meu

bem. Eu era tudo de péssimo, ingrata, desgosto da mãe, má, bruxa. Meus irmãos também colaboravam me chamando de feia, bombril, macaca. Era o fim.

Eu já não resistia e comecei a acreditar no que diziam. Todos os dias eram tristes e eu tinha a certeza de que apesar do cabelo circunstancialmente “bom”, eu jamais seria branca. Foi aí que eu tive uma inesperada luz. Minha mãe queria me embranquecer para que eu sobrevivesse a cruel discriminação de ser o tempo todo rejeitada por ser diferente. Percebi subitamente que ela jamais pensara na dificuldade de ter uma criança negra, mesmo tendo casado com um homem negro, porque que ela e meu pai tiveram três filhos mestiços que não demonstravam a menor necessidade de serem negros. Eu era a ovelha mais negra, rebelde por excelência, a mais escura e a que tinha o cabelo “pior”. Às vezes eu acreditava mesmo que o meu nome verdadeiro era pixaim.

O negro sempre foi para mim o desconhecido, a fantasia, o desejo. Cresci tentando ser algo que eu não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu só meu. O meu cabelo era a carapaça das minhas ideias, o invólucro dos meus sonhos, a moldura dos meus pensamentos mais coloridos. Foi a partir do meu pixaim percebi todo um conjunto de posturas que apontavam para a necessidade que a sociedade tinha de me enquadrar num padrão de beleza, de pensamento e opção de vida.

Quinze anos depois, em Brasília, no coração do planalto central, é segunda-feira, dia de começos. Uma mulher madura de olhar doce e fértil vê sua imagem no espelho e ajeita com cuidado as tranças corridas, contemplando com satisfação a história escrita em seu rosto e a beleza que os pensamentos dignos conferem à sua expressão. É uma mulher livre, vencedora de muitas batalhas interiores, que se prepara para a vida lutando para preservar a sua origem, pois sabe que é a única herança verdadeira que possui. Ela aprendeu e jamais esquecerá. A gente só pode ser aquilo que é.

## **ANEXO B -NEGRINHA MONTEIRO LOBATO**

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que idéia fazia de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a

mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta...

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim, a sinhá!”...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo:

— Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

Era pouco, mas antes disso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! — disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu aboca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristas, minha senhora —murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”?

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral —sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? — perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem há de ser? — disse a tia, num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

— Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Chegaram as malas e logo:

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia...

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de

anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa consciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.



Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

Mas, imóvel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”

## ANEXO C – A CEGA E A NEGRA UMA FÁBULA

Observava a aranha em suas peripécias acrobáticas. Pendia do teto num estranho equilíbrio. O fio que sustentava era tênue, invisível. Os olhos hipnotizados acompanhavam o sobe e desce do inseto. Às vezes, a pequena aranha, como a provocá-la, descia próximo a sua cabeça e, com movimentos rápidos e graciosos, retornava, aproximando-se do teto. Poderia ficar ali por horas, dias, meses a fio. Ela e a aranha tecendo fios infinitos, brincando com a gravidade. Cecília tecendo fios invisíveis, a aranha fabricando fios reais.

Olhos fechados via a aranha movimentar-se em silêncio, absorta. Manhã de um inverno tipicamente tropical. O sol envolto em nuvens, não aquecia. O vento matinal cortava o espaço, batendo na janela como pancadas de alguém que pede para entrar.

Entrar! Ali residia o mistério das coisas. Entrar, apenas uma ação. Sair, outra ação. Ações desconhecidas para a aranha no seu sobe e desce, não entrava nem saía... Tecia, em acrobacias. Acrobacias determinadas pela magia do fazer e não do viver. Ela e Flora faziam acrobacias do viver, dependuradas no fio aparentemente tênue da vida. Fio invisível, resistente, frágil.

Abriu os olhos, a aranha tecia. Um fio branco saído de suas entranhas unia-se a outros fios. Cecília igualou-se àquela criatura. Um estranho destino as unia naquele espaço. Pensou em Flora. Chamava-a assim por nunca ter entendido o porquê do nome Floresta Brasileira que lhe deram. Quando se apresentaram, guardou um sorriso de deboche e de curiosidade, segurando a pergunta: por quê? Floresta a intrigava por causa da forma com que via o mundo. Via? Floresta não via, era cega. Movimentava-se nos espaços como se os soubesse por definição. Flora e Cecília, um dia o acaso as colocara frente a frente.

Cecília olhava a aranha no teto, espantava o pensamento difuso. Hoje cansará de acrobacias; recusava-se a seguir o seu destino, tecer a própria teia. Encantava-se com o equilíbrio da aranha. Equilíbrio que ela própria achava ter perdido. Fazia uma semana que não via Flora.

Conheceram-se num dia comum. Cecília corria atrasada para pagar uma conta no banco. Previa que de novo aquela maldita porta giratória travaria para ela. Pelo alto-falante ouviria a voz metálica do segurança dizer: “Tem objetos metálicos? Celular? Chaves? Moedas?” não, não possuía nada disso. Porém, passaria pelo constrangimento de abrir a bolsa e procurar. Ou melhor, fazer-se de quem procura o que não perdeu. Depois, olhando para o segurança apreensivo, imporia no rosto um semblante que traduziria em: “Tô limpa!”.

Não entendia por que as portas giratórias não giravam na sua vez de adentrar aos recintos. Passou a não portar mais bolsa, somente o necessário nos bolsos. Mesmo assim, lá vinha voz do segurança: “Tem chave? Guarda-chuva? Celular? Moedas? Objetos metálicos?”.

Naquele dia rebelara-se, sem paciência para submeter-se mais uma vez ao constrangimento de ser barrada. Fora barrada quase que a sua vida toda. Naquele dia: “O escambal para tudo!!!”, pensou. Parada a porta do banco, respirou fundo, numa atitude de: “É hoje!”.

Entrou com tudo pela porta giratória. Uma força de romper paredes, levar tudo no peito, na valentona, como dizia sua mãe. A porta não travou, girou na violência. Ela foi lançada para dentro do recinto. O corpo, acostumado ao cotidiano obstáculo, não o encontrando projetou-se no espaço. Tropeçou na bengala de Flora, que saía dominando o ambiente, como se tivesse olhos nos pés. Para não derrubá-la, instintivamente a abraçou. Gesto tido como ameaçador pelos seguranças, que a seguraram com truculência, protegendo o patrimônio bancário e a integridade de Flora.

Agora a aranha já tinha tecido geometricamente o centro de seu trabalho-natureza. Flora não poderia ver a aranha tecer, pensou. Mas Flora sentia a vida tecendo destinos. Seu destino. Aparentemente frágil qual o fio da teia, Flora defendeu Cecília contra a incompreensão dos seguranças. Na confusão que se armara, era a única que via com a nitidez dos sábios. Ordenou: “Soltem-na!” “Mas, doutora...”, tentou argumentar o chefe dos seguranças. Palavras ficaram no ar, inconclusas.

Cecília, refeita do susto, desculpou-se com Flora, com a intenção de livrar-se o mais rápido possível da nova situação de constrangimento. “Espere, eu te ajudo”, disse Flora, dominadora. “Ajudar?” Cecília a olhou, um ser aparentando fragilidade na sua escuridão. Ajudá-la como? Aspirou o ar, suspirando resignada. Guiaram-na até um assento. Acalmaram-se. Apesar de não demonstrar, o esbarrão abalara Flora de modo diferente do que fizera com Cecília. O gerente mandou servir cafezinho para a doutora, sinônimo de boa conta, e, sem outra alternativa, também para Cecília.

A aranha no seu crochê incessante ia e vinha tirando de dentro das entranhas a linha para o artesanato ao qual fadava-se para sempre. Cecília pensava em Flora e naquele dia em que os estigmas delas se encontraram. Refletia: “Para que aquele encontro?” O que sabia é que nunca lhe haviam servido cafezinho no banco. O que sempre a recepcionou foi a voz metálica após a trava da porta giratória. O mundo girava para todos, para ela travava.

A amizade crescera entre elas, viajavam, passeavam, parecia amizade antiga, prenhe de cumplicidade e camaradagem. Cecília interpretava o mundo da visão para Flora. Fazia-a ver a

beleza de pôr-de-sol derramando-se sobre o mar, com suas cores de mistérios. Interpretava a escuridão da noite com estrelas verdadeiras e falsas – as luzes dos edifícios – misturadas no céu. Às vezes, Flora guardava a bengala-guia e apoiava-se no braço de Cecília e perambulavam pelas calçadas. Ela tinha a sensação de que enxergava através dos olhos da amiga. A solidão da escuridão, naqueles momentos, transformava-se só numa triste lembrança. Dependiam-se. Por sua vez, Cecília livrava-se das travas das portas do mundo. Os porteiros e seguranças, com salamaleques, as abriam envoltos em piedade e puxa-saquismo. Conversavam sobre isso, às vezes, e riam e riam.

Certa feita jantavam numa dessas cantinas estilo italiano que Flora apreciava tanto. Conversavam sobre o sabor e o odor das iguarias. Cecília, embalada pelo torpor do vinho, tagarelava à solta, descrevia as pessoas ao redor da mesa. Flora ria como uma criança, redescobria o mundo. A um dado momento, pediu para a amiga guiá-la até o banheiro. Cecília prontamente atendeu. Ao passarem por entre as mesas, um freguês do restaurante resolveu interpelar-lhes o caminho. Avançou sobre Cecília como se ela fosse transparente. Já acostumada a isto, preparou-se para sair da frente, dar-lhe passagem, ou seriam atropeladas pelo homem, maior e mais forte que as duas. Colocou seu corpo protegendo o da amiga. Com um discreto meneio de cabeça e comunicação sutil entre os olhares, o garçom avisou ao homem que ela guiava uma cega. Desobstruiu o caminho andando de afasto e gesticulando as mãos como quem se desculpa.

A cena se dera na sutileza dos olhares, Flora nada percebera. No entanto, notou que a amiga ao retornar à mesa ficou muda. Aquela alegria de quem está à vontade desvaneceu. Mais tarde no carro, que pertencia a Flora mas era dirigido por Cecília, esta lhe contou o ocorrido. Não riu. Não achou engraçado. Por mais que Flora perguntasse o motivo da tristeza, ela, muda, não revelava. Nem ela mesma, naquele momento, saberia dizer o turbilhão passado por seus pensamentos.

A aranha, terminando sua teia, parou. Cansada da tarefa árdua a que estava predestinada desde sempre e para o sempre. Desta teia dependia a sua vida, breve vida das aranhas, tecendo úteis frágeis belezas simétricas, despercebidas na voragem do cotidiano.

Beleza. Era isso! Beleza! Cecília e Flora teceram sua amizade nas teias do viver. Transformaram o destino árduo, os estigmas, como insistia em afirmar Flora, no prazer de ver. Isto! Ver! A aranha supera-se a cada teia, por mais que a simetria dos fios pareça sempre a mesma. Cecília ligou para flora: “Alô, descobri o segredo da teia”.

Flora respondeu: “Ainda bem, eu já sabia”, e emendou: “Almoçamos amanhã”.

(*Cadernos negros* 24, p. 89-93)